



educação é liberdade

Geandre Tomazoni (Coletivo Bijari) // SP, Brasil “*Educação é Liberdade* junto ao símbolo da cadeira escolar com asas nasceu com forma de afirmação poética e de protesto, buscando reafirmar a importância da educação e da construção coletiva, pelo direito a vida plena para todos! A ilustração da cadeira alada nasceu durante as ocupações dos secundaristas em 2016, após uma vivência dentro da ocupação João Kopke, na qual os alunos pontuaram frases e temas que seriam transformados em cartazes construídos coletivamente. Um dos dizeres, fala do *direito de sonhar...* desta leitura e da observação do espaço, com as carteiras sendo colocadas fora das salas pra reunião da assembleia e também nas manifestações de rua, nasceu esse desenho, que pensa na cadeira não como um objeto de apoio e descanso, mas como o símbolo dos sonhos que a construção da educação impulsionam, dos vãos possíveis! A imagem foi replicada em múltiplas impressões de serigrafia, stencils e impressões digitais sendo usada com diferentes dizeres, que eram preenchidos por quem carregava o cartaz. Anos depois, com os sistemáticos ataques a Cultura e Educação proporcionados pelos agentes da extrema direita que tomaram o governo, em especial aos ataques feitos ao legado de Paulo Freire, atualizamos o cartaz com a frase *Educação é Liberdade*, na busca da atualização e memória de seu legado, e desde então, sempre carregando e compartilhando essa imagem nas redes físicas e virtuais. / Arte: Coletivo Bijari por Geandre Tomazoni, desenho (aqui representando o grupo) e Rodrigo Araújo, direção de arte.”

Cursinho popular Edson Luís: Um diálogo com a práxis em Paulo Freire

**Luan Ariel Sigaud Vasconcellos dos Santos¹ e Lorrana
Nascimento Ferreira²**

Resumo // A experiência política pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís (CPEL) é inspirada na Pedagogia Libertadora de Paulo Freire. Neste artigo, é analisada a proposta do CPEL, suas realidades de ensino e demandas sociais à luz de suas formulações, sujeitos e práticas pedagógicas. Em um primeiro momento, este trabalho busca contextualizar as experiências de cursinhos populares no Brasil, inseridas em um contexto mais amplo de Educação no Brasil, vinculada ao pensamento de Paulo Freire. Em um segundo momento, proponho a discussão partindo de uma perspectiva que vincula dialeticamente o pensamento de Paulo Freire com a prática educativa do Levante Popular da Juventude. Por fim, proponho alguns apontamentos sobre as potencialidades e desafios do CPEL.

Palavras-chave // Cursinho Popular Edson Luís, Educação Popular, Levante Popular da Juventude.

1 Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de São João del-Rei, professor do Estado de Minas Gerais, participou da fundação e da coordenação do CPEL de 2014 até 2017.

2 Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e mestranda em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), participa da coordenação do CPEL.

Introdução

Esse artigo pretende tecer um diálogo entre a experiência de oito anos de desenvolvimento do Cursinho Popular Edson Luís (CPEL) com os pensamentos de Paulo Freire (1921-1997) sobre a luz da experiência de Educação Popular.

A importância do CPEL como experiência formativa possui vários âmbitos, um destes, é auxiliar na formação de professores em formação inicial e continuada alinhada à crítica ao modelo econômico vigente e que se articule a um projeto de transformação social através da educação.

Com isso posto, para desenvolver as ideias, em um primeiro momento apresentaremos um pouco da história do movimento dos cursinhos populares no Brasil, em paralelo ao movimento sócio-histórico mais geral de Educação Popular que acontecia e ainda acontece no país. Em seguida, apresentaremos a história e a proposta do CPEL, como uma práxis de diálogo com a proposta de Paulo Freire - entendendo práxis no sentido marxista no qual a experiência não se separa da formulação teórica e prática da Educação Popular. Por último, abordaremos as possibilidades e desafios da experiência do CPEL em diálogo com o pensamento de Paulo Freire.

Já na introdução cabe advertir ao leitor que a interpretação sobre as contribuições de Paulo Freire para a Educação Popular em que nos filiamos converge com o que já foi dito por Grammont e Ferreira (2021), no qual nos alerta para compreender que a Educação Popular explicita o lado político da educação e ganha um caráter de classe na medida em que questiona a forma como as relações de poder que sustentam a sociedade capitalista se reproduzem na educação bancária (Grammont e Ferreira, 2021, p. 95.).

Para nosso trabalho, reflexionar sobre as experiências de Educação Popular é pensar também em organização política, pois:

A Educação Popular, desde seu despontar, se estruturou mediante práxis metodológicas de cunho combativo ao modelo econômico vigente e às políticas institucionais que constituíram o Brasil. Nessa ótica, falar em Educação Popular é falar do conflito que move a ação humana em um campo de disputas de forças de poder. (GRAMMONT e FERREIRA, 2021, p. 95)

Ou seja, a perspectiva político pedagógica que assumimos como reflexão para o desenvolver deste trabalho está intrinsecamente relacionada à proposta de educação libertadora postulada por Freire e sua relação com os movimentos sociais.

Um pouco da história dos cursinhos populares

O movimento de cursinhos populares no Brasil, assim como o próprio movimento de Educação Popular, tem suas origens intrinsecamente relacionadas com o contexto social que a educação e o Brasil vivencia em cada período histórico. O período da sua formação remonta às décadas de 1930 e 1960 e reverberam até os dias de hoje com os chamados novos movimentos sociais. Alguns elementos que destacamos nesse contexto pertinentes à construção desta história são:

- a. o protagonismo e a criatividade do movimento estudantil da época. Para ilustrar, é possível lembrar o processo que levou a União Nacional dos Estudantes (UNE) a formular os Centros Populares de Cultura;
- b. o esforço de setores da sociedade brasileira para pensar e construir um processo de nacionalização do sistema educacional brasileiro que se inicia por volta da década de 1930, mais que tem longa duração e que se estende até a década de 1960, tendo como principal ícone Anísio Teixeira;
- c. o processo acelerado de urbanização que o país se encontrava, quando jovens vinham do campo para cidade buscando melhores condições de vida.

Muitos autores identificam o cursinho da Politécnica da USP (Poli) como sendo a primeira experiência no movimento de cursinhos populares do país. Neste contexto, tem sua origem datada na década de 1950 na USP e surge no seio dos movimentos sociais que lutam pela democratização do acesso e qualidade do ensino público no país (CASTRO, 2005).

Na literatura, encontramos que o início dos cursinhos populares no Brasil está relacionado aos ciclos de alfabetização realizados pelos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CASTRO, 2005). Esses fatos demonstram que desde o início existe uma relação dialética e propositiva entre os cursinhos populares e o movimento geral da Educação Popular.

É importante destacar como a o Movimento de Cultura Popular, durante o Governo Miguel Arraes possibilitou um projeto político popular para educação, é nesse mesmo período que o grande expoente da Educação Popular no Brasil, Paulo Freire começa a sua produção e ganha projeção. Neste sentido, é importante apontar que a relação de disputa e tomada de poder são essenciais para a adesão de projetos educativos que visam o fortalecimento da cultura popular e da soberania do povo.

Com o golpe de 1964 que instaurou a ditadura civil-militar no Brasil, as experiências de Educação Popular - incluindo os cursinhos populares- passaram por um processo de ruptura em seu desenvolvimento. Nesse período, educadores foram exilados, o próprio Paulo Freire foi um dos primeiros a ser expatriado, além de diversos ataques às políticas públicas que favoreciam as práticas de Educação Popular. Os programas que estavam sendo pensados por Paulo Freire de círculos de alfabetização foram cancelados e no seu lugar a ditadura civil militar instalou o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), com outra perspectiva de alfabetização, distante daquela perspectiva crítica elucidada por Freire.

Já no final da década de 1960, e com mais força na década de 1970, houve uma retomada das iniciativas de cursinhos populares. Protagonizada por setores da esquerda católica, notadamente a Juventude Católica, essa (re)articulação possuía forte influência teórico-metodológica advinda da Teologia da Libertação e do pensamento de Paulo Freire, que nessa época já tinha difundido bastante suas ideias.

Um exemplo desse momento histórico é o Colégio Equipe, do qual surge no final de 1968, inicialmente, como curso preparatório para vestibular, formado por professores saídos do cursinho pré-vestibular realizado pelo Grêmio de Filosofia da USP (CARTA NA ESCOLA, 2013). Outra notável experiência, mais que já se situa em outro período na luta pela redemocratização do país de cursinhos populares é o Educafro. A organização surgiu na baixada fluminense em 1989, fruto de uma articulação entre membros da sociedade civil e a pastoral do movimento Negro, e hoje em dia mantém cursinhos preparatórios em quatro Estados brasileiros.

Outra importante “rede” de cursinhos populares, mas que agora foi iniciada nos anos 2000, em um período de Neoliberalismo ascendente no país, é o Movimento dos Sem Universidade, que iniciou suas atividades de cursinhos populares na cidade de Campinas e possui notável atuação no conjunto de cursinhos populares (SIQUEIRA, 2011).

Na análise da bibliografia sobre cursinhos populares percebe-se uma vinculação histórica entre as experiências de cursinhos populares, movimento negro, movimento estudantil, setores da esquerda católica e, recentemente, como inclusive como um reflexo da desorganização de funções sociais do Estado, Organizações Não-Governamentais (ONGs).

Nesse sentido, podemos entender que o atrelamento de movimentos sociais às experiências de cursinhos tem sido importante no processo para a construção de uma nova prática educativa de cunho emancipatório – cada um à sua maneira e seguindo as especificidades de cada proposta.³ Para cumprir seu real papel, a educação não pode ser encerrada no campo da Pedagogia, tem de sair pelas ruas, abrir-se para o mundo (MÉSZÁROS, 2005). Em outras palavras, podemos dizer que sem perder o olhar na luta pela educação formal, deve-se também ter uma concepção ampliada do processo educativo na sociedade:

Assim, amplia-se a concepção de educação, não a restringindo apenas aos processos de aprendizagem no interior da escola, mas transpondo seus muros, suas paredes e suas regras de conduta e práticas de poder. Educação entendida como formação, como apropriação da realidade, tanto do ponto de vista racional, como sentimental, cultural, social pelas pessoas, pelos educadores” (ROCHA, 2013, p.8).

Recentemente, a partir de 2018 vêm se estruturando a Rede de Cursinhos Populares Podemos +, a rede de experiências pedagógicas ligadas ao movimento Levante Popular da Juventude. O movimento que propõe a organizar as juventudes no Brasil traz a bandeira da construção do Projeto Popular⁴ no qual está

3 Cabe salientar que esse tipo de formação não é realidade na maioria dos currículos das licenciaturas no país.

4 O Projeto Popular para o Brasil pretende ser do povo para o povo, não está formulada e pronta para entrega, cabe antes ressaltar, que o projeto popular é um projeto de sociedade onde o povo tome os rumos soberanos do nosso país, nesse sentido os movimentos populares organizados (como a Consulta Popular e o Movimento Sem Terra) têm um papel destacado nesse processo.

inserido o Projeto Popular de Educação do movimento. É importante salientar, que o CPEL, mirada territorial de discussão deste trabalho, foi uma das primeiras experiências concretas de cursinhos populares vinculadas ao Levante, no qual contribuiu e contribui para a construção da Rede de Cursinhos Podemos +. Atualmente, a Rede Podemos + conta com 44 turmas de cursinhos populares espalhados em 23 estados do Brasil.

Os cursinhos populares têm relevância no cenário educacional brasileiro, mas, segundo Castro (2005), a pesquisa dessas práticas educativas é um campo em desenvolvimento e que ainda não possui uma significativa produção acadêmica voltada para o seu entendimento, sendo uma possível ferramenta da educação popular ainda não suficientemente estudada, e que merecem um olhar mais aprofundado e atento, perspectiva adotada neste trabalho.

Um pouco da história do CPEL

Em reunião de célula do meio territorial urbano, militantes do Levante Popular da Juventude, propuseram a implementação de uma experiência de um cursinho pré-Enem, com a perspectiva de atender a população em situação de vulnerabilidade socioeconômica da cidade de São João Del Rei – MG e região.

O cursinho ficou batizado pela juventude como Edson Luís, em referência ao estudante secundarista assassinado pela ditadura militar. No primeiro ano de funcionamento, em 2013, o cursinho teve sede na Escola Municipal Pio XII e, no ano seguinte funcionou na Sede da Associação de Bairro São Dimas funcionou no Sindicato dos Metalúrgicos de São João del Rei-MG, e atualmente ocorre no interior do Campus Dom Bosco na Universidade Federal de São João Del Rei, estabelecendo relações com várias organizações e territórios na cidade.

O cursinho é destinado a educandos de baixa renda e a organização é promovida majoritariamente por integrantes do Levante Popular da Juventude (Levante). Para promover uma Educação Popular tendo como princípio as ideias de Paulo Freire, é proposto um diferencial em relação aos cursinhos pré-vestibulares, por meio de diversas atividades que promovem a formação de alunos críticos em relação ao mundo em que vivem. A proposta político-pedagógica do cursinho vem do interior de um movimento social que propõe organizar a juventude:

A perspectiva que o Levante oferece é a possibilidade de estar organizado/a coletivamente para viver e para lutar. Fora da organização as ações isoladas de um indivíduo, por mais justas que sejam, não têm sucesso. Portanto, o que o Levante possibilita às pessoas é o reconhecimento da sua condição de sujeitos e a construção de possibilidades para que estes recuperem a sua capacidade de intervenção política. (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, QUEM SOMOS)

Para nossa proposta de estudo é essencial entender os movimentos sociais como sujeitos formuladores de uma práxis pedagógica comprometida com a luta pela educação, pois os movimentos sociais são sujeitos coletivos que conseguem confluir uma prática educativa com a luta por transformações sociais. Esse elemento é o que dá sentido à concepção político-pedagógica, pois nessa perspectiva a educação só tem sentido se andar em conjunto com as lutas por transformação radical do atual modelo econômico e político hegemônico (MÉSZÁROS, 2005). Nesse sentido, se entendermos o cursinho popular como uma ferramenta da educação popular temos que levar em conta que a vinculação com um movimento social é intrínseca, em consonância com a proposta de Educação Libertadora. (FREIRE, 2002) é importante, pois se a educação popular é um processo dialético, a consciência somente se dá no coletivo (FREIRE, 2008).

Nesse caminho teórico podemos compreender os movimentos sociais como possíveis agentes da Educação Popular, pois:

É essa a perspectiva assumida pelo Levante, que organiza seus militantes a partir de pautas sociais, as quais promovam melhores condições de vida para a juventude do Brasil, como também pauta um projeto popular de Educação e sociedade, reformulações no currículo da educação pública, que estimule a valorização da cultura popular. Preocupada em construir uma educação que possa formar a juventude para a conquista de direitos básicos comuns a toda sociedade brasileira, como cultura, lazer e segurança. Pensando de maneira dialógica, e de acordo com Paulo Freire. (GRAMMONT e FERREIRA, 2021.p .95)

Vale retomar a discussão sobre a importância formativa advinda da vivência desses espaços, visto a importância da perspectiva organizativa dos movimentos, pois a ação isolada no mundo, por mais justa que seja, não tem peso. Para os

professores exercerem esse tipo de educação, precisam estar em contato com uma formação que vá de encontro a isso, e é nesse contato com os movimentos sociais que isso é possível. Neste sentido, os movimentos sociais possuem essa capacidade formativa e também de disputar a organização no território:

Na qualidade de movimento territorial, o Movimento dos Cursinhos, por meio de suas expressões mais significativas (MSU, EDUCAFRO, PVNC) e de suas ligações históricas com a luta social e política do país nas últimas cinco décadas, disputa a maior expressão territorial de uma Nação. Não se trata do território demarcado pela cerca que determina a propriedade ou a fronteira que delimita uma unidade da Federação ou um país. Trata-se, sim, do espaço que delibera os rumos das políticas desenvolvidas para o conjunto da sociedade brasileira, que, nada mais é, como já apontamos anteriormente, que a constituição da correlação de forças construídas na sociedade e expressas por meio do comando do aparelho de Estado. A disputa desse espaço social faz dos Cursinhos Alternativos e Populares movimentos territoriais. (CASTRO, 2005, p.98)

Nessa disputa pelo direito à educação pública de qualidade, no qual os cursinhos populares estão inseridos, é importante essa vinculação com uma luta geral pela transformação da sociedade, pois seria ingênuo pensar que as classes dominantes vão praticar uma educação de cunho libertador (FREIRE, 2004).

Com a vitória do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) no ano de 2002 se abre um novo período na política brasileira, o neodesenvolvimentismo⁵ (BOITO, 2012), no que toca às políticas públicas na educação, no nível de ensino superior tivemos como os programas de maior expressão REUNI, PROUNI, FIES, Ciência sem fronteiras, sistemas de cotas, entre outros. No entanto, a demanda⁶ acumulada ao longo de quinhentos e vinte dois anos continuam presentes, e grande parte da juventude continua de fora das universidades brasileiras.

5 Existe um debate extenso sobre a categorização desse período nas ciências sociais, no entanto, para fins teóricos utilizamos a definição de Armando Boito Jr. “neodesenvolvimentismo como desenvolvimentismo possível dentro de um período neoliberal” (2012).

6 Quando referimos as demandas, estamos nos referindo às estruturas tradicionais de ensino, com suas lacunas estruturais e como elas são extremamente presentes na formação inicial de professores.

Nesse momento, com novos movimentos sociais entrando em cena política como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e o Levante Popular da Juventude (Levante), nesse contexto de implantação e crescimento do Levante, há o desafio para o movimento se alinhar a uma práxis que consiga dialogar com amplos setores da sociedade brasileira. É nessa intencionalidade, na qual o Levante se propõe em alguns lugares no Brasil e em São João del-Rei - MG, a organizar experiências de cursinhos populares, que nasce o Cursinho Popular Edson Luís.

O método pedagógico e organizativo do Cursinho Popular Edson Luís

Com forte consonância com a proposta de Paulo Freire, o método pedagógico não é estático como em uma receita de bolo, engessada por uma secretaria burocratizada onde os educadores e educandos tem que apenas aplicar as ordens e seguir os passos estipulados pela secretaria e coordenação pedagógica. É sim, muito mais um processo dialético e aberto para a construção e a participação de educadores e educandos na construção ativa de um projeto político pedagógico dinâmico e adaptável às demandas e ao contexto social e político em que está inserido.

Nesse sentido, consideramos os aspectos do método de organização a seguir mais como orientadores da nossa ação e reflexão (práxis), do que “leis” estáticas, que devemos fazer todos os esforços para segui-las.

São aspectos do método que construímos na experiência do CPEL:

- a. a direção coletiva; onde as atividades político pedagógicas cotidianas são construídas por núcleos de atuação, onde todos os educadores se inserem e que serão apresentados a seguir;
- b. o tempo trabalho, com forte diálogo com a pedagogia Freireana e a Pedagogia Socialista.
- c. a formação política integrada.

Hoje em dia o CPEL se estrutura através de núcleos – Núcleo Político Pedagógico, Núcleo de Secretaria e Finanças, Núcleo de Formação, Núcleo

de Comunicação, Núcleo de Acompanhamento dos Educadores, Núcleo de Acompanhamento dos Educandos – três núcleos vêm se estruturando – Biblioteca Popular, Núcleo de Memória e Núcleo de Material Didático. Estes núcleos são construídos pelos educadores sociais imersos nesse contexto do CPEL, além de contarem com forte diálogo e participação dos estudantes

A escolha das atividades realizadas no interior destes núcleos leva em consideração as experiências e habilidades das pessoas do grupo. Sobre a divisão social do trabalho para dentro do cursinho, essa prática possibilita a construção da Educação Popular, se distanciando das instituições formais, onde as tarefas a serem realizadas são delegações feitas pela coordenação ou pela diretoria da escola.

Cabe destacar que o CPEL, em sua trajetória, se tornou um projeto de extensão vinculado a Universidade Federal de São João Del Rei, o que potencializou ainda mais a participação de professores em formação inicial advindos dos cursos de Licenciatura da instituição. Além disso, esta condição propiciou uma relação importante com professoras e professores do campo progressista, vinculados à UFSJ, como também estreitou a relação a outras organizações sociais desenvolvidas no território não só da universidade como do território são-joanense.

Considerações Finais

O CPEL, antes de tudo, é uma proposta que aponta os desafios e os limites, mas, principalmente as possibilidades que se criam a partir da práxis educativa fundamentada na Educação Popular. Sendo assim, identificamos, como desafio pedagógico principal, a articulação entre a construção teórico metodológica da Educação Popular com o método tradicional curricular de ensino e suas formas de avaliação, em especial, o ENEM.

Cabe a discussão sobre garantirmos um projeto de educação que dê a possibilidade de todos aqueles que querem estudar, estudem. Que mais que o acesso e permanência dos estudantes do CPEL no ensino superior, a Educação Popular se compromete com que esse sujeito leia mais que a palavra, que leia o mundo no qual ele está inserido. Faz-se importante discutir, neste sentido, o ENEM como uma ferramenta, ou seja, é preciso que preparemos os jovens para a universidade ao mesmo tempo que desenvolvemos uma capacidade crítica ao reconhecer as contradições do ensino superior. Esse desafio já tinha sido dito por Freire: a educação

é reprodutora, mas devemos contrapor essa função ao realizar o possível hoje para realizar o impossível amanhã (FREIRE, 2002).

O método de Educação Popular pressupõe um modelo participativo e coletivo tendo por base conhecimentos construídos a partir do conhecimento prévio e prático do cotidiano do educando. Também pressupõe um respeito aos ritmos de aprendizagem de cada sujeito. Pois devemos, como nos orienta Freire, trazer a humildade como tolerância (FREIRE, 2002), pois sabemos que todo conhecimento construído precisa de um conhecimento prévio que o antecipe. Não podemos desprezar o conhecimento dos educandos. No entanto, em um cursinho pré ENEM é preciso conciliar os fundamentos da Educação Popular com a necessária preparação, em sete meses, para uma prova que irá abranger todo o conteúdo proposto para o ensino médio.

No campo da estrutura de funcionamento, a ativação e efetivação da dinâmica dos núcleos pedagógicos (núcleos de educadores reunidos conforme a divisão de áreas do conhecimento que é adotada pelo ENEM – Humanas, Naturais, Linguagem e Exatas) encontram alguns obstáculos. Constata-se que uma possível solução seria o maior engajamento dos educadores na Coordenação Político Pedagógica (CPP). Afinal, como nos orienta Freire, uma prática de Educação Popular precisa necessariamente estar vinculada em um processo coletivo de transformação social (FREIRE, 2004).

Um desafio para todos os cursinhos é minimizar a evasão dos educandos. Devido à dinâmica do estudante trabalhador, sua permanência nem sempre é possível.

Os encontros críticos, disciplina exclusiva do CPEL, são um potencial que vem se destacando no último período, como um espaço importante para garantir, via coletivos e pessoas convidadas, uma formação crítica e abrangente para os educandos do cursinho. Essa ponderação foi recorrente nas avaliações feitas pelos próprios educadores do CPEL dos encontros críticos durante as reuniões da CPP. Outro grande potencial é a capacidade de formação de possíveis membros para o movimento estudantil universitário, pois os sujeitos que participaram do cursinho são despertados a uma postura mais crítica e atuante em relação às instituições.

Quando os educandos ingressam na Universidade acabam por desenvolver uma aproximação com entidades representativas no âmbito do movimento estudantil- como centros acadêmicos e DCE- e acabam por protagonizar as disputas pelos rumos da universidade.

Esses oito anos de CPEL foram muito importantes para a construção de uma ação que visa aproximar um cursinho pré-ENEM com a metodologia proposta pelos movimentos sociais. Isso implica na práxis de um projeto pedagógico que busca construir, no dia-a-dia, as condições para dar acesso aos estudantes trabalhadores que almejam a presença no espaço universitário.

Espera-se que o CPEL contribua para que os educandos, ao entrarem nos espaços da universidade, o façam de maneira crítica e consciente de seu papel político como universitário. Nesse sentido, o CPEL vem contribuindo para que os educandos oriundos se tornem sujeitos protagonistas da disputa dos rumos da Universidade, através do movimento estudantil e contribua ativamente para a construção de outro projeto de educação.

Não basta saber-se oprimido é preciso se entregar a práxis transformadora (FREIRE, 2004), é nessa proposta que os cursinhos populares vêm se inserir dialeticamente, ao construir com seus educadores e educandos um projeto de transformação da sociedade.



Referências bibliográficas

BOITO, Armando. **As bases políticas do neodesenvolvimentismo**. Trabalho apresentado na edição de 2012 do Fórum Econômico da FGV / São Paulo. disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16866/Painel%203%20-%20Novo%20Desenv%20BR%20-%20Boito%20-%20Bases%20Pol%20Neodesenv%20-%20PAPER.pdf?sequence=1>. acesso em 05/07/2021

CASTRO, Alexandre C. de. **Cursinhos Alternativos e Populares: Movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino superior público no Brasil**. Dissertação (mestrado) -UNESP - Rio Claro, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 38 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GRAMMONT, Maria Jaqueline de, FERREIRA, Lorrana Nascimento. **A experiência político-pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís durante a pandemia do Sars-cov-2**. Expressa Extensão. ISSN 2358-8195, v. 26, n. 1, p. 91-106, JAN-ABR, 2021.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, **QUEM SOMOS**. blogspot, sd. Disponível em: <http://levantepopulardajuventudern.blogspot.com/p/sobre-o-levante.html>. Acesso em: 17 de ago. de 2021.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

SIQUEIRA, CAMILA Z R. **Os Cursinhos Populares: estudo comparado entre MSU e Educafro – MG**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Viçosa, 2011.

OLIVEIRA, FRANCISCO DE. **A economia brasileira: crítica à razão dualista**. Petrópolis: Vozes, 1988.